

Atribuição BB CY 4.0

CORPOGRAFIAS NEGRAS: AFETIVIDADES E PEDAGOGIAS EMANCIPATÓRIAS EM PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Fabiana Rodrigues da Silva¹

Resumo

Este artigo objetiva ampliar o debate acerca da construção de narrativas de reexistências, destacando a pluralidade e os valores positivos na constituição de imagens, referências e identidades de corpos racializados. Trata-se de refletir sobre e com corporeidades negras, em relação às possibilidades de ser, viver, sentir e aprender, desde manifestações afrodiáspóricas, nas quais valores de pertencimento, musicalidade, corporeidade e mobilidade são entendidos como motrizes de experiências diversas e de potências ancestrais. Propondo-se, assim, contra-narrar, a partir de uma experiência pessoal como discente com análises em corpografias negras, e costura teórica em bell hooks, Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Nilma Lino Gomes, entre outros. Fornecendo referências teóricas e práticas que possibilitam realizar plenamente o sentido de Ser da negritude, para além das imagens, práticas e narrativas de violência. Entendendo assim, como o corpo racializado vive atravessamentos pela pele que habita e, por meio dela, inscreve novas experiências no mundo.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP). Licenciada em Pedagogia (PUC-SP). Integrante do Travessias - Grupo de Pesquisa em Filosofia, Educação e Decolonialidade (UFPB/CNPq). E-mail: contatofabisilva@gmail.com

Palavras-chave

Corpografias negras; Pedagogias emancipatórias; Afetividades; Relações étnico-raciais.

Recebido em: 01/04/2025
Aprovado em: 08/07/2025

257

BLACK CORPOGRAPHIES: AFFECTIVITIES AND EMANCIPATORY PEDAGOGIES IN ANTI-RACIST PRACTICES

Abstract

This article aims to broaden the debate on the construction of narratives of re-existences, highlighting the plurality and positive values in the constitution of images, references and identities of racialized bodies. It is about reflecting on and with black corporealities, in relation to the possibilities of being, living, feeling and learning, from Afro-diasporic manifestations, in which values of belonging, musicality, corporeality and mobility are understood as drivers of diverse experiences and ancestral powers. Thus, proposing to counter-narrate, based on a personal experience as a student with analyses in black corpographies, and theoretical stitching in bell hooks, Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Nilma Lino Gomes, among others. Providing theoretical and practical references that make it possible to fully realize the meaning of Being of blackness, beyond the images, practices and narratives of violence. Thus, understanding how the racialized body experiences crossings through the skin it inhabits and, through it, inscribes new experiences in the world.

258

Keywords

Black corpographies; Emancipatory knowledge; Affections; Ethnic-racial relations.

CORPOGRAFIAS NEGRAS: Afetividades e pedagogias emancipatórias em práticas antirracistas

O impacto do racismo na vida e na construção das subjetividades de cada pessoa negra, afetadas de forma violenta por esta estrutura e suas práticas naturalizadas, é imensurável. Na escolarização formal, são vivenciados episódios cotidianos de racismo. Para muitas crianças, é na educação infantil que terão as primeiras experiências racistas. É importante falar sobre racismo e antirracismo na escola, e é necessário implementar esse tema e práticas antirracistas na educação. Quando entendemos que cada ser é único, e geramos práticas pedagógicas que potencializam suas habilidades, identidades e afetos, individuais e coletivos, colaboramos para a construção de uma perspectiva autônoma, mais humana e crítica. Desenvolver habilidades socioemocionais constitui parte importante desse processo, e isto está relacionado a aspectos individuais, mas também, sublinho, coletivos. Eliane Cavalleiro afirma que:

A despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamentos pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizar aprendizagem baseadas, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos à sua volta (Cavalleiro, 2000, n.p.).

Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo no livro *Infâncias negras: negras: vivências e lutas por uma vida justa* (2023, n.p.) afirmam que “diante dos complexos desafios do racismo sistêmico em que vivemos no espaço escolar, as crianças revelam consciência e reagem diante de situações injustas e descabidas”. Nisto incluo a necessidade de valorizarmos o que a criança sente e expressa, e não negligenciar a comunicação de incômodo e sofrimento no ambiente escolar, assim como nas relações que são relatadas nesses contextos.

O antirracismo é uma prática cotidiana cuja importância se materializa também, de forma obrigatória, no currículo escolar. A partir do compromisso firmado com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (BRASIL 2003; 2008), que incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, a educação antirracista se estabelece com proposição de debates que melhorem a compreensão dos/as estudantes sobre temas relacionados ao racismo e seus impactos sociais, mas também os impactos nas

relações e na construção das identidades e subjetividades, sobretudo por meio da valorização e exaltação da cultura e história africana, afro-brasileira e indígena, permitindo que seja possível conhecer mais sobre as nossas raízes e gerar ações e representações positivas nas relações e existências de todas as pessoas, sobretudo as pessoas negras.

Cintia Cardoso (2018, p. 63) traz um questionamento importante ao afirmar em seu livro *Branquitude na educação infantil*, que “a efetivação de políticas de promoção da igualdade racial na prática envolve um conjunto de elementos que se inicia primordialmente na oferta de formação inicial e continuada para profissionais da educação infantil”. Ter uma equipe docente comprometida e qualificada é essencial para o desenvolvimento de ações continuadas e planejadas que permeiam todos os ciclos do currículo escolar e seus cotidianos. Quando bell hooks (2020, p. 123) fala sobre valores para viver segundo uma ética amorosa, ela afirma que “despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação”, e isso envolve todo tipo de relação, em todas as áreas das nossas vidas. É desafiador, e essa ação nos convida a estar em movimento de forma coletiva, envolvendo gestão, docentes, famílias e comunidade. Não é esperado aqui culpabilizar docentes pelos pontos de fracasso da estrutura educacional, mas sim, descobrir e desbravar caminhos possíveis para que as experiências no ambiente escolar sejam positivas e afirmativas para as pessoas negras que estão diariamente nesses espaços.

Incansavelmente, com bell hooks, repito para mim mesma que o amor não é apenas um sentimento, mas sim uma ação. Depois que aprendi isso com a intelectual negra, sempre penso em quais ações o conhecimento que acesso produz, pois também acredito que o compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida e daquelas que passam por nós. É importante, alinhavar o que estamos entendendo como amor aqui e, para isso, refencio Sobonfu Somé (2003) que, segundo suas vivências, vê o amor como algo coletivo, que é construído nas vivências, ao olhar para as nossas necessidades, mas também para as outras pessoas que vão nos ajudar a encontrar o nosso caminho. Ela nos ensina que toda pessoa é um espírito com propósito, nesse caso, podemos interpretar essa correlação com a importância de ter uma escuta ativa, para caminhar junto com o/a estudante, possibilitando o desenvolvimento das suas potencialidades. Nessa jornada, teremos uma aproximação que irá nos facilitar reconhecer quem eles são e, a eles/as mesmos/as, construir uma identidade positiva.

Rosângela Hilário (2023) propõe a afetividade como estratégia metodológica de transgredir para (re)existir, ação essa que mulheres negras precisam se apoderar o quanto antes, pois o fluxo das nossas existências e relações são fortemente influenciadas pelo racismo/machismo. Às mulheres negras, não são destinados o afeto, o cuidado e o reconhecimento merecidos. Temos, então, as dimensões do amor propostas por bell hooks e essa pode ser uma bússola para a construção de ações e relações comprometidas com o coletivo, analisando aquilo que damos e o que recebemos – “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento”.

Pode-se pensar ou dizer que na teoria tudo é mais fácil, mas que, na prática, a realidade é outra. Aqui, o convite é para que sejamos agentes transformadoras/es, e que possamos, a partir das práticas educativas-afetivas e do desejo de fazer, criar experiências que gerem e mobilizem pedagogias emancipatórias.

Neste trabalho, adoto *corpografias negras* como um conceito, articulando as várias histórias que me constituem e tantas outras que meu corpo representa socialmente, a partir das leituras que as pessoas fazem e das memórias que em mim estão ancoradas (Martins, 1997). Pensar os territórios e narrativas construídos com as representações de corpos negros nas cidades e aquelas que ainda são necessárias de serem construídas, considerando quem é o sujeito que produz essas narrativas, requer entender a educação e a cultura como pilares fundamentais de produção e reprodução de imaginários coletivos, impactando diretamente nas dinâmicas sociais.

Referencio a *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2009), como elemento para reconstrução de memórias sociais históricas, individuais e coletivas, produzindo outras percepções para os territórios negros e quem os ocupa, especialmente as mulheres negras e suas narrativas. Vozes que se pronunciam trazendo junto a experiência coletiva de muitas outras. Tecendo essa costura, referencio também as *afrografias* e a *oralitura*, de Leda Maria Martins, “para entrelaçar a dicção da oralidade e a letra da escritura, formando a coreografia lacunar da memória e os rituais da linguagem” (Martins, 2021, n.p.).

Rituais da linguagem e do corpo. Essa retomada, mais uma vez, se conecta a essas duas grandes referências que contêm, de forma intrínseca, a ação de reivindicar a autoria que coloca o corpo em movimento de forma integral, com tudo que ele representa, coreografando escritas, movimentos e resistências. O

artigo *Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória*, foi um dos primeiros que me fez refletir sobre corpografias negras, sobretudo no trecho que diz que:

A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou dos volejos do corpo. Como já grifamos, em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, *tanga*, designa o ato de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda, o substantivo, *ntangu*, uma das designações do tempo, uma correlação plurissignificativa, insinuando que a memória dos saberes, inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance. (MARTINS, 2003, p.77)

262

Corpografias negras podem ser entendidas, então, como as memórias e tecnologias de si e de nós que constituem sujeitos, mas também compõem imaginários coletivos, por meio de corpos racializados em movimentos e por meio dos movimentos de outros corpos que fazem leituras e geram ações diversas, assim resultando em modos de vida, bem como em epistemologias e práticas que promovem a presença e o pertencimento em diferentes espaços da sociedade.

É importante registrar que as corpografias negras são os registros circunscritos em letras ou em movimento, transformados em linguagem, pois é a partir do corpo que a ação é gerada, que são produzidas nos diferentes espaços sociais, nas narrativas produzidas por pessoas pretas, mas também imaginários coletivos produzidos *sobre* corpos pretos, por pessoas não negras, pois essas narrativas são disseminadas socialmente e também determinam não acessos a direitos, recusa ao pertencimento ou exclusão de espaços sociais.

Diná Alves, aponta em sua tese de doutorado (2021, p.13) que “corpografias raciais nos parece uma preciosa pista para compreender as experiências que se expressam numa espécie de mapa produzido pelo e no próprio corpo”. Todas as narrativas construídas sobre nós, sobretudo aquelas produzidas por nós, são importantes para articularmos estratégias de reexistências, a partir das realidades de cada território que se apresentam diariamente. Reforço aqui alguns elementos fundamentais nesse conceito: o corpo que se inscreve e que gera leituras sobre si, a escrita que reforça narrativas, a oralidade que produz memórias, e os movimentos que mobilizam arte e transformação social.

Em seu livro *Erguer a voz*, bell hooks traz reflexões sobre o conceito de *autorrecuperação*, afirmado repetidas vezes que “a linguagem é um lugar de luta” (hooks, 2023, p. 73), e que a linguagem encontrada nos meios acadêmicos, é “essa linguagem que me permitiu terminar a pós-graduação, escrever uma

dissertação, falar em entrevistas de emprego carrega o cheiro da opressão”. Esse cheiro que traz sentidos e significados, que traz lembranças e fortalece as memórias que guardamos e como nós guardamos. A autorrecuperação contém processos de reescrever, reconciliar e renovar.

Penso na quantidade de pessoas que tem as suas potencialidades soterradas e as suas subjetividades estilhaçadas, em repetidos processos violentos vivenciados ao longo da vida. No tempo roubado de nós mesmos, em consecutivas horas no transporte público, em abrir mão do que se quer para garantir a sobrevivência, em escala exaustivas de trabalho. A narrativa do esforço triplicado nos cerca, e muitos de nós chegam a sentir culpa ao pensar em momentos de descanso, como se não fosse de direito. Em Irmãs do Inhame (2023, pág. 23), bell hooks diz que “É importante que as pessoas negras conversem entre si... pois o ato de contar nossas histórias nos permite nomear nossa dor, nosso sofrimento, nos permite buscar a cura”.

Entender os espaços de disputa exige de nós novas estratégias e aprendizados, ao passo que as violências cotidianas não cessam e normalmente não há rede de apoio para que possamos passar por cada processo e superar cada obstáculo com exclusividade. Nosso primeiro e maior espaço de disputa segue sendo pelo direito à vida.

Nesse contexto, de disputa pelo direito à vida, permanência e pertencimento, trago as memórias que me fizeram ver nitidamente o compromisso docente com uma ética amorosa e as dimensões do amor na prática. Este artigo objetiva-se então, a ampliar o debate acerca da construção de narrativas de reexistências, destacando a pluralidade e os valores positivos na constituição de imagens, referências e identidades de corpos racializados. Trata-se de refletir sobre e com corporeidades negras, em relação às possibilidades de ser, viver, sentir e aprender, desde manifestações afrodisíspóricas, nas quais valores de pertencimento, musicalidade, corporeidade e mobilidade são entendidos como motrizes de experiências diversas e de potências ancestrais. Propondo-se, assim, contra-narrar, a partir de análises em corpografias negras de uma experiência pessoal como discente durante o curso de mestrado.

As experiências que tive no ensino superior até aqui faziam ser impossível experimentar vivências positivas nesse espaço de formação enquanto discente, mas, desde o primeiro encontro dos componentes curriculares “Terra, Terreiro, Território: deslocamentos para uma cosmologia negro-brasileira” e “Epistemologias Negras: Clássicos da Resistência”, chamou-me a atenção a ementa, o conteúdo programático, a forma com que foram conduzidas as partilhas de saberes diversos, assim como as referências bibliográficas afrorreferenciadas, que já eram prioritárias no meu processo de pesquisa e escrita da dissertação.

Presenciei professores/as ativos/as, sensíveis e atentos/as, colocando a ginga nas palavras para possibilitar que a teoria se encontrasse com as práticas. Com diferentes pessoas pesquisadoras convidadas a cada encontro, havia também entre estas pessoas que eram alunas desse mesmo componente curricular. Me senti pertencente a essa comunidade educacional que se formou desde o primeiro momento. As apresentações eram seguidas de espaço de troca para que todas as demais pessoas participantes pudessem compartilhar suas práticas e percepções. Ali foi proporcionada uma das experiências pedagógicas e de acesso ao conhecimento mais potentes que já vivenciei na vida.

Reforço da potência do coletivo, de que nos fala Nêgo Bispo, em seu ensaio *Somos da terra*, publicado na revista *Piseagrama*, em 2018:

Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre comprehende a necessidade de existirem as outras pessoas (Bispo, 2018, p. 4).

Nos encontros, identifiquei na chegaça com música e nos alinhavos os primeiros momentos para gerar o acolhimento das pessoas participantes. Chegar em um lugar preenchido pela música e sonoridade negra possibilita conexões com a letra, o ritmo, as imagens, com as outras pessoas que ali se encontravam. Os alinhavos teóricos, por sua vez, nos aproximavam dos temas de cada dia, de uma forma muito especial e sensível.

Em todo encontro havia uma pessoa convidada para compartilhar sua vivência e pesquisa sobre o tema previamente traçado. Além de romper a imagem

e representação do professor como detentor de todos os conhecimentos, o único que pode e deve falar, isso nos conecta ao lugar do coletivo na construção, na valorização do saber e da existência do outro, enquanto soma do que trazemos à roda e formamos. Esses primeiros momentos de cada encontro eram como derramar de águas de transfluências, de memórias, ancestralidade e potências, em que cada pessoa participante era convidada a se banhar e a confluir na sequência. Muitas vezes, esse banhar se expressava pelas lágrimas que rolavam durante as partilhas, sendo esse um espaço de segurança e confiança nosso.

Além da estrutura e do modo como os encontros foram organizados, como um espaço seguro e de liberdade para potencializar as vozes presentes, a confluência da teoria com a prática fomenta o pensamento crítico, a partir de outras possibilidades, outros caminhos que não o da monocultura eurocêntrica, que reproduz o risco de uma verdade única, sendo essas duas experiência pedagógicas emancipatórias afetivas e efetivas.

Nego Bispo traz uma importante contribuição nos termos de *confluência* e *transfluência*, que também experimentamos nos encontros da disciplina "Terra, Terreiro, Território":

Trabalho com os conceitos de "confluência" e "transfluência". Confluência foi um conceito muito fácil de elaborar porque foi só observar o movimento das águas pelos rios, pela terra. Transfluência demorou um pouco mais porque tive que observar o movimento das águas pelo céu. Para entender como um rio que está no Brasil confluí com um rio que está na África eu demorei muito tempo. E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil (Bispo, 2018, p. 7).

No sentido das confluências, as experiências compartilhadas, os alinhavos feitos no início de cada encontro e as ponderações feitas ao final possibilitaram redimensionar a riqueza do fluir da palavra, dançando com as práticas e sentimentos compartilhados, materializando o sentido de confluir, de encontrar, de potencializar as encruzilhadas de saberes que cada pessoa traz consigo. De outro lado, no que diz respeito à transfluência, apesar de ser um termo pouco utilizado, seu uso faz muito sentido nesse contexto, porque se "nossos passos vêm de longe", a ancestralidade é a força motriz que nos encaminha para a beleza dos nossos encontros. E das reconexões, pois a potência ancestral me permitiu acessar muitas memórias afetivas, como a lembrança da alegria do meu filho ao tomar banho de banheira em casa; das excursões para a cachoeira que minha mãe me levava quando criança; dos banhos de bacia que minha avó preparava para

mim com a água aquecida pelo sol quente no quintal de casa, quando eu ainda era bem pequena; das histórias que ela me contava sobre as roupas que lavava na beira do rio. As águas também guardam e conduzem memórias.

Saber que, mesmo diante do apagamento e do silenciamento histórico dos povos africanos e originários aqui no Brasil, não somos um povo sem memória e sem referências é fundamental. Por isso, uma perspectiva positiva do que representa o corpo-memória negro na educação engloba as dimensões da representação e da representatividade, mas não depende unicamente do que é produzido culturalmente hoje, pois temos referências ancestrais de reis e rainhas, de alimentação, dos modos de se relacionar com as pessoas, animais, natureza, de como nutrir a espiritualidade, e se perceber como ser integral.

A educadora Vanda Machado (2013), em *Pele da cor da noite*, confluí afirmando que:

São percepções do grupo que envolvem todas as vozes de todos os tempos em sua origem, em sua essência, em seu segredo. Áí muitas vezes só o corpo fala num ritmo marcado, captando o seu vínculo com a totalidade do ser porque só o corpo inteiro nos serve de orientação (Machado, 2013, p. 82).

Parto da compreensão de que nossas existências são plurais. E, se não precisamos anular corpos, identidades e histórias para construir as nossas trajetórias, é na medida em que, na prática, somos seres marcados pela soma das experiências, que se constituem a partir das associações - do “e” em vez de “ou”. Na diáspora, e antes mesmo da travessia compulsória das águas pelos nossos antepassados, as representações que temos e que construímos exigem a sabedoria de compreender que o que estava lá, também está aqui, pelas transfluências e legados ancestrais:

O enredamento, os desencontros que emergem da sociedade reverberam na comunidade com os seus significados muitas vezes imprecisos e ambivalentes. Entretanto, vale a pena sublinhar que o comportamento da comunidade cria um modo de vida trans-humano, transcendente. Para esta reflexão, não se trata de desenterrar raízes, porque tudo se mostra sem limites. Trata-se da concepção de que nenhum acontecimento é único, e acredita-se mesmo que tudo pré-existe (Machado, 2013, p. 85).

Não à toa, as referências do componente curricular centravam-se em escritores e escritoras negro-brasileiras. Ao trazer bell hooks (2017) para esse balão de textos, que confluem com as referências apresentadas, dialogando com Nêgo Bispo (2018) e Vanda Machado (2013), em seu livro *Ensinar a transgredir: a educação como prática da liberdade*, hooks indica que “é

essencial que os pensadores críticos dispostos a mudar nossas práticas de ensino conversem entre si, colaborem com uma discussão que transponha fronteiras e crie um espaço para intervenções". E complementa:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p. 174).

Diversas foram as decisões que enriqueceram muito o processo ao longo dessa experiência pedagógica: a escolha das referências, os temas das aulas, a estrutura de cada encontro, as pessoas que ampliaram as possibilidades de pensar, falar e agir a partir de cada tema proposto. A partir dessas duas, pude esperançar vivências que geram acolhimento, pertencimento e que propõem uma teoria libertadora, gerando o pertencimento que cura. Digo isto, porque fui curada de algumas dores. Eu estava lá, *inteiramente*. Falei e me vi representada em outras falas. Essa cura a que me refiro, no entanto, não veio somente do sentir.

Com bell hooks e "*a teoria como prática libertadora*", costuramos nossas oralituras individuais, segundo Leda Maria Martins, que se fortalecem à luz das escrevivências ouvindo Conceição Evaristo. Elas me fizeram compreender a potencialidade que há em respeitar os tempos e caminhos, dando abertura para que, a partir dessas encruzilhadas de saberes, cada pessoa possa escolher o itinerário a seguir. Meus caminhos me conduziram a esse lugar de cura. A teoria - e como ela se recompôs com a prática e me formou como sujeita no decurso desse processo - foi, para mim, *libertadora*.

Considerações finais

É importante ressaltar a urgência dessa ética amorosa, como um valor que compõe as práticas educacionais, e que molda as relações de todas as pessoas que contribuem para a construção de conhecimentos e modos de existir. Os impactos que a violência em suas várias vertentes causa, afeta diretamente a saúde mental e as ações das pessoas envolvidas.

A principal contribuição teórica tem relação com o conceito de corpografias negras, sendo desenvolvido e fortalecido por meio dos diálogos teóricos, e desaguando na prática aqui apresentada. Nesse desenvolvimento, vemos a importância das práticas antirracistas, pois são por meio delas que

produzimos condições sociais para a existência positiva de corpos racializados, com impactos diretos na construção de imaginários coletivos.

Em relação à contribuição prática, a partilha da experiência demonstra a potencialidade que há na afetividade durante todo o processo que prediz escuta ativa das pessoas envolvidas e comunicação assertiva. Inclui também a representatividade no que é apresentado e a partir de quem apresenta. O trabalho coletivo e colaborativo se coloca como elemento fundante e força motriz, o movimento negro e o movimento de pessoas negras, corroborando com Nilma Lino Gomes (2019), “é um elo de ligação entre a população negra, o meio social, o meio educacional e cultural, e age por diversas vezes como organizador e sistematizador dos saberes produzidos por esses sujeitos”. As experiências e seus registros, geram impactos que transbordam o espaço/tempo, e assopram sementes para transformações sociais e institucionais.

Torna-se, portanto, essencial práticas afetivas e antirracistas que atravessam todos os ciclos de escolarização, em ambientes de educação formal e não formal. Foi preciso olhar para trás, para mim, e ao redor, para entender como o corpo racializado vive atravessamentos pela pele que habita e, por meio dela, inscreve novas experiências no mundo. É um processo de contra-narrativa permanente, e nossa existência já é reexistência dentro dessa estrutura social.

Referências

- ALVES, Dina. Corpografias raciais: uma etnografia das captividades femininas negras em São Paulo. 2020. 31 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. Memórias ancoradas em corpos negros. São Paulo: 2 ed. Educ, 2014. E-book.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do Silêncio Do Lar Ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito E Discriminação Na Educação Infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012. E-book.
- CARDOSO, Cintia. Branquitude na educação infantil. Curitiba: Appris, 2021. E-book.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Canção para ninar menino grande. São Paulo: Unipalmares, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. ARAÚJO, Marlene de. Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. E-book.
- GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. E-book.
- HILÁRIO, Rosangela Aparecida. A afetividade como estratégia metodológica: transgredir para (re)existir. Maringá: Revista Espaço Acadêmico - n. 238 - jan./fev.2023 - bimestral.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- hooks, bell. Irmãs do Inhame: mulheres negras e autorrecuperação. Tradução Floresta. São Paulo: Martins Fontes, 2023.
- hooks, bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021. E-book.
- hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

- hooks, bell. Pertencimento: uma cultura do lugar. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022. E-book.
- hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.
- MACHADO, Vanda. Pele da cor da noite. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MARTINS, Leda Maria. O feminino corpo da negrura. Revista estudos de literatura. Belo Horizonte. v. 4, p. 111-121, 1996.
- MARTINS, Maria Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras n. 26 - Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFSM, 2003, p. 63-81.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela, Rio de Janeiro, Ed. Cobogó, 2021. E-book.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. n. 18: 2012, p.62-73.
- REIS, Diego dos Santos. Corpo-documento: um ensaio para descolonizar memórias. Interritórios| Revista de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, v.8, n. 16, 2022. <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253338>.
- REIS, Diego dos Santos. Estéticas afro-decoloniais e narrativas de corpos negros: arte, memória, imagem. Revista da ABPN, v. 12, n. 34. set.- nov. 2020, p. 774-801.
- SILVA, Fabiana Rodrigues da. A implementação da lei 10.639/03 na educação básica. Orientadora: Dra. Monica Fatima V. Mendes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Trabalho de Conclusão de Curso, graduação. 2015, 55p.
- SILVA, Fabiana Rodrigues da. Corpografias negras: Afetividades e pedagogias emancipatórias em práticas antirracistas. Orientador: Diego dos Santos Reis. Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado. 2024, 92p.
- SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, p. 44 - 51, 2018
- SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Ana Lucia Silva. Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TAVARES, Julio Cesar de (Org). Gramáticas das corporeidades afrodisporicas: perspectivas etnográficas. Curitiba: Appris, 2020. E-book.